



Recebeu carta de foro em 1229, pelo Mestre da Ordem de Avis, Fr. Fernando Rodrigues Monteiro, e novo de D. Manuel a 31 de agosto de 1513. Em 1622, Filipe IV de Espanha criou o título de Conde da Ericeira, que atribuiu ao seu mordomo-mor, D. Diogo de Meneses. Iniciou-se aqui um período de desenvolvimento, que teve expressão no património edificado da vila: construção do palácio condal e dos paços do concelho; beneficiação de grande parte dos templos e expansão urbanística. Município até 1855, o porto ericeirense foi um dos mais importantes da zona ocidental de Lisboa. Da Praia dos Pescadores, a 5 de outubro de 1910, embarcou a família real portuguesa rumo ao exílio.

Informações

Posto de Turismo da Ericeira
Praça da República, n.º 17 | Telef.: 261 863 122
e-mail: turismo.ericaira@cm-mafra.pt

Devoções Património Religioso ERICEIRA



As cinco igrejas e capelas do núcleo histórico da Ericeira guardam uma parte considerável da herança cultural da vila. Sucessivas gerações deixaram a sua marca no urbanismo, no parque habitacional, nas tradições artesanais da terra e do mar e também no património religioso e devocional. Conhecer as faces da religiosidade ericeirense é descobrir a sua rica e complexa história.



A Capela de São Sebastião



Isolada sobre as falésias a norte da vila, já estava construída em 1567. Possui planta hexagonal coberta por cúpula e revela o gosto maneirista de meados do século XVI. O corpo da capela-mor é uma ampliação realizada a partir de 1678, data aproximada para o revestimento das paredes interiores, e para o trabalho de mármore embutidos do altar-mor.

B Igreja de S. Pedro



Documentada desde 1446, era uma pequena capela que só terá passado a igreja matriz por 1530, época a que pertence a imagem renascentista de S. Pedro, na porta lateral sul. Na capela batismal, conserva-se uma cantaria manuelina que constitui o elemento mais antigo do edifício. Possui retábulo-mor rococó, tal como os painéis de azulejos da nave. A capela-mor, apresenta a iconografia de S. Pedro, em quatro telas alusivas ao ciclo da pesca milagrosa do Apóstolo. No século XIX, constituiu-se o coro do lado norte e enriqueceu-se o interior com numerosas pinturas provenientes de extintos conventos.

C Igreja da Misericórdia



Em 1678, a Câmara da Ericeira doou a Capela do Espírito Santo a Francisco Lopes Franco. Coube a este nobre, com a ajuda dos pescadores, lançar as bases do novo templo. Edifício barroco, concluído no séc. XVII, época a que correspondem as pinturas Visitação e Virgem de Misericórdia, da autoria de Manuel António de Góis, responsável também pela pintura do teto da nave.

D Arquivo-Museu da Misericórdia



Foi fundado a 1 de junho de 1937, com o objetivo de ser o espaço de memória da Ericeira. Entre o valioso espólio, salientam-se as nove telas seiscentistas do ciclo da Paixão de Cristo. Ainda na coleção de pintura, destacam-se a Nossa Senhora da Misericórdia e a Visitação, ambas da primeira metade do século XVIII, bem como o importante conjunto de ex-votos. Do núcleo de escultura em marfim e madeira, faz parte uma imagem de Nossa Senhora em Majestade, do século XVII, procedente de Goa.

E Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Santo António



Na pequena plataforma voltada a poente, instalaram-se, durante séculos, a sineta e a lanterna de fogo que anunciavam a localização do porto à noite, ou em períodos de nevoeiro e de tempestade. Reconstruída ao redor de 1644, o seu interior foi revestido por azulejaria de padrão, reservando-se o espaço sobre o arco triunfal para um pequeno registo alusivo à Senhora da Boa Viagem.

F Igreja de Santa Marta



Documentada desde o séc. XV, foi consagrada à Senhora da Saúde, pela proximidade das nascentes de água que brotavam das rochas a sul da Vila. A imagem da Santa foi alvo de grande devoção até 1599, ano em que foi levada para Lisboa e deu origem ao Convento das Necessidades. O atual templo data de 1760. Os azulejos das paredes da capela-mor representam a Anunciação e o Nascimento de Cristo.

Registo de Azulejos



Quem percorrer as sinuosas ruas do centro histórico encontrará, em muitas fachadas brancas, um considerável número de registos de azulejos que ilustram devoções particulares dos antigos moradores. Estes padrões invocam a proteção divina em caso de catástrofes naturais, medo sempre constante numa comunidade que vivia dos "humores" do mar.